



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA**

**INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES**

**A FILOSOFIA NA VISÃO DO(A)S ESTUDANTES DA ESCOLA DE ENSINO
FUNDAMENTAL E MÉDIO DR. BRUNILO JACÓ, EM REDENÇÃO/CE**

Sabrina Maria Sousa do Nascimento

Redenção-CE, 2017

Sabrina Maria Sousa do Nascimento

**A FILOSOFIA NA VISÃO DO(A)S ESTUDANTES DA ESCOLA DE ENSINO
FUNDAMENTAL E MÉDIO DR. BRUNILO JACÓ, EM REDENÇÃO/CE**

Pré-projeto de pesquisa apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades, do Instituto de Humanidades e Letras, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, como condição parcial para a obtenção do título de Bacharela em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Vitor Macêdo Pereira

Aprovado em 19/12/2017.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Francisco Vitor Macêdo Pereira (UNILAB) – Orientador



Prof. Dr. Maurílio Machado Lima Júnior (UNILAB) – 1º Examinador



Prof. Dr. Leandro de Proença Lopes (UNILAB) – 2º Examinador

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	4
2. JUSTIFICATIVA	9
3. OBJETIVOS	16
3.1 GERAL.....	16
3.2 ESPECÍFICOS.....	16
4. METODOLOGIA DA PESQUISA	17
5. CRONOGRAMA	19
6. REFERÊNCIAS	20

1. INTRODUÇÃO

O presente projeto de pesquisa pretende estabelecer as diretrizes de um plano teórico-metodológico de análise acerca da apreciação/compreensão do ensino/aprendizagem de filosofia por parte do(a)s estudantes de ensino médio da escola E.E.F.M. Dr. Brunilo Jacó, no município de Redenção/CE. O objetivo principal consistirá em identificar a visão do(a)s estudantes quanto ao ensino de Filosofia, sua importância como ferramenta para o exercício da cidadania, além do desenvolvimento intelectual e crítico. Ou seja, a pretensão será a de investigar qual o lugar da filosofia nessa escola a partir da perspectiva do(a) aluno(a).

O plano de ação para a investigação do tema/objeto proposto se desdobra com base em duas vertentes: a primeira orientada pela influência que o ensino de filosofia teve para a decisão do(a)s estudantes de ingressar em uma universidade, e a segunda a respeito da percepção da pouca/relativa ou muita importância que é dada a essa disciplina por professor(a)s e estudantes na escola. Partimos inicialmente do questionamento a respeito dos relatos, bastante comuns por parte de aluno(a)s e mesmo de professora(e)s, de que a filosofia não teria uma funcionalidade ou uma importância prática, sequer significativa, como as demais disciplinas do currículo. Ademais, o ensino de seus conteúdos não se articulava a nenhuma outra carreira que a não a de professor(a) de filosofia.

Por enquanto, nos reservamos a apresentar questionamentos, possibilidades, hipóteses e algum levantamento teórico, baseados em uma análise preliminar que aplica à filosofia um lugar de desvalorização - perpassado pelo senso comum. Com isso, objetivamos especificamente enxergar a visão do(a)s aluno(a)s, associada a algumas abordagens teóricas sobre o ensino de Filosofia.

Diante disso, levantamos como uma das hipóteses para essa pressuposta mitigação da Filosofia - em diminuição ante as demais disciplinas - o fato de que possivelmente o modo como as aulas são ministradas não é capaz de transmitir ao/à estudante uma compreensão suficiente e acessível dos conteúdos em discussão, inclusive não revelando o pensamento crítico como um instrumento capaz de nos fazer refletir e compreender as teias que envolvem a nossa existência - sobre si mesmo e sobre o mundo à nossa volta. Nesse contexto, de ordinário, a filosofia jaz dimensionada como disciplina inferiorizada em relação às demais.

Além disso, há também as opiniões e os senões do senso comum - “Pra que serve”? “De que adianta estudar filosofia?” “O que a filosofia representa ante as demais disciplinas que *possuem uma finalidade?*”.

Então vejamos, a disciplina de matemática atenderia a um público que trabalharia na área das exatas, como contadores, economistas, engenheiros, cientistas em geral - capazes de fazer cálculos e projetos que poderiam *revolucionar o mundo*.

Já a disciplina de português auxiliaria a falar bem, a escrever bem, atendendo às profissões de toda natureza, para os mais diversos fins comunicacionais.

E o que dizer das ciências, da biologia, da química, da física, compreendidas como condição para carreiras práticas de sucesso, uma vez que dão acesso a profissões como a medicina, a veterinária, a odontologia e tantas outras que serviriam para a melhoria das condições de saúde e para salvar vidas?

Isso nos faz imaginar que cada disciplina tem um perfil de habilidades, ou um *saber fazer*, a ser despertado em seus/suas estudantes. Como citado acima, com a matemática aprenderíamos a dominar o mundo dos números, usar a geometria, resolver cálculos e problemas, desenvolver o raciocínio e a inteligência. Na prática todos os saberes remeteriam a aplicabilidades específicas, introduziriam técnicas ou ao menos descreveriam apreensões empíricas ou práticas da realidade, referenciadas ao mundo concreto.

Percebemos, contudo, que - com a filosofia - quase sempre se vê *a sua importância* de modo diferente. Estudar filosofia não intencionaria o desenvolvimento de quaisquer habilidades ou competências práticas. No entanto, essa espécie de desprezo pela filosofia não corresponderia senão a preconceitos e desconhecimentos do senso comum. A filosofia teria, sim, as suas *competências e habilidades* específicas, notadamente em seu currículo do Ensino Médio, as quais corresponderiam à capacidade crítica do pensamento e, desse exercício da crítica, surgiria o incentivo à participação ativa na cidadania e na vida política.

Compreendemos que essas habilidades, ou saberes associados à competência ou à capacitação para o exercício da crítica e da cidadania, como saberes internalizados e operacionalizados de conhecimentos construídos nas discussões de conteúdos filosóficos, de questionamento de valores e atitudes essenciais à construção do *saber-ser*, desenvolveriam no(a)s aluno(a)s novas competências e - para nos utilizarmos de um conceito de Bourdieu - um *habitus*:

apropriado ao enfrentamento dos desafios da vida que envolvam valores e reflexões - notadamente de cunho político e moral.

Diante de todo pragmatismo, de caráter mais utilitário e superficialmente emergente, que suscita questionamentos como “Para que serve a filosofia?” “Ao que ela atende?” “O que se faz profissionalmente com filosofia?”, não devemos pretender apresentar respostas acabadas. Na verdade, nem mesmo à Filosofia compete oferecer uma solução pronta aos questionamentos de seus detratores, uma vez que a natureza de suas questões envolve precisamente a discussão com as indagações, as dúvidas – a respeito de aspectos os quais podem até parecer prosaicos e distantes, mas que em um momento ou outro da existência nos fulminam como questões inalienáveis, como “Quem sou eu?” “Para onde vou?” “Qual o meu lugar no mundo?”

O que podemos destacar, nesse sentido, é que a filosofia está para além do ensino dos conteúdos históricos de sua tradição, da limitação do seu papel a um mero desenvolvimento de habilidades, ou como mera geradora de dúvidas... muito mais do que isso, a sua aprendizagem consistiria na própria “prática do pensamento” (GALLO, 2007, p.17)

Essa prática do pensar e *pensar-se no mundo*, associada à temporalidade em que este sujeito *a ser estudado* está inserido no ensino médio - caracterizando-se em sua juventude, na busca pela consolidação do seu caráter, na formação da sua personalidade - deve ser considerada em duas premissas. A primeira é que a filosofia tornou-se inopinadamente obrigatória para esse público, e a segunda é que devemos lembrar que há a possibilidade desse contato com a disciplina ser o único, uma vez que nem todos os alunos que saem do Ensino Médio têm a perspectiva de adentrar em uma universidade. Logo nos lembramos de Gallo que trata a Filosofia como “experiência singular de pensamento” (Gallo, 2007, p. 21).

Observamos também que para compreender todos esses preconceitos com relação à filosofia e o seu ensino, que a relegam a um viés funcional e a um patamar de irrelevância dentro da escola, teríamos que trabalhar as bases epistemológicas das propostas de seu conteúdo, bem como o histórico de implementação de seu ensino no Brasil, para, então, quem sabe, levantarmos possibilidades de desconstrução e renovação.

Iniciamos com o conceito de Filosofia a partir do entendimento de Deleuze e Félix Guatarri, que nos dizem que a Filosofia é a arte de criar conceitos, mas não

aqueles que tratamos como científicos ou abstratos, mas a partir de uma realidade, digamos, pessoal, de problemas como que *vividos na pele* pelo filósofo que objetiva uma compreensão para dar conta daquele problema concreto enfrentado. Ou seja, esse filósofo embebido por essa realidade perturbadora acionaria sua atividade criativa para buscar formas de resolver seus dilemas e o resultado disso seria um repositório, um acúmulo ferramental de conceitos que podem ou não ser usados pelo filósofo. A aula de filosofia funcionaria, nesse sentido, como oficina do pensar a partir ou em operação desses conceitos. Fugiríamos da ideia de aula como um simples momento de transmissão de conteúdos distantes ou de treinamento de habilidades e competências alheias ao que se sente e se enfrenta em nível de problemas pessoais (Cf. SILVEIRA, ano, p. 24).

Agora pensando na Filosofia como disciplina na escola brasileira e no tempo de sua implementação. Historicamente, professores e lideranças políticas do país, após um longo processo de tentativas e esforços em implementar o ensino de filosofia, obtiveram em 2 de junho de 2008 a promulgação, pelo governo de Luiz Inácio Lula da Silva, da Lei nº 11.683, que preceitua a obrigatoriedade das disciplinas de Filosofia e Sociologia no ensino médio. Essa nova lei revogou o § 1º, inciso III, do artigo 36 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, dando-lhe nova redação, incluindo o inciso IV, que estabelece as diretrizes segundo as quais serão incluídas a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias em todas as séries do Ensino Médio (Cf. CARMINATI, 2010). Logo, surge a partir daí a importância de avaliar os avanços e os retrocessos do ensino de filosofia, caracterizando sua atual relevância dentro da escola para os alunos.

Pensando nisso, será que o ensino de Filosofia no Brasil passou pelo mesmo processo de letargia que a obrigatoriedade dele? Será que, por estar como obrigatória, a disciplina de Filosofia ganharia compulsoriamente o status de *relevante* pela comunidade escolar? Por que mesmo ela deve estar presente no Ensino Médio brasileiro? Como o Estado do Ceará reagiu ou se conformou nesse cenário de obrigatoriedade de seus conteúdos no currículo escolar? Houve ações individuais, coletivas, institucionais que foram na contramão do sistema de inércia promovido pelo sistema de educação brasileiro?

Muitas, enfim, são as questões que surgem com o/diante do nosso trabalho - o qual, por ora, intencionamos delimitar apenas ao aspecto da percepção do(a)s

estudantes da Escola Brunilo Jacó diante do que entendem a respeito da filosofia e da sua proposta de ensino.

Rodrigues (2012), em seu artigo *O ensino da Filosofia no Brasil no contexto das políticas educacionais contemporâneas - em suas determinações legais e paradigmáticas*, aponta que “a concepção de filosofia difundida na educação escolar brasileira historicamente esteve ligada a saberes abstratos e racionalistas, ligados à formação das elites”, o que provavelmente tenha tornado precário o ensino da filosofia em escolas do ensino público brasileiro, como forma de afastar das classes baixas a possibilidade de reflexão e de problematização a respeito de suas próprias condições sociais.

E o professor diante dos descompassos entre propostas curriculares e realidade? Compreende-se que o ensino de qualquer disciplina depende de duas peças importantes, o professor e o aluno - o primeiro atuando com a didática, o método e o material pedagógico, de maneira a alcançar o despertar e o entendimento do aluno, e o segundo assumindo corresponsabilidade em sua formação. No entanto, se o aluno já tem mentalizado que a disciplina de filosofia não é importante, ou que não tem serventia, a relação ensino-aprendizagem certamente estará prejudicada.

Nessa análise, a atuação do professor de filosofia pode ser determinante, no intuito de identificar possíveis problemas na metodologia de ensino aplicada ao espaço, ao material e ao trabalho escolares, além dos recursos pedagógicos utilizados na aplicação da disciplina, no exercício da aprendizagem teórica com a prática dos saberes filosóficos e, principalmente, no próprio entendimento do que é a filosofia, no que concerne à sua construção de conceitos. Todos esses são elementos indispensáveis para a assimilação do verdadeiro sentido da disciplina no ensino médio.

Pensando nisso, e dialogando com Monteiro e Pimentel (2010) - que nos dizem que “a ensinabilidade própria da filosofia só se concretiza na medida em que o sentido do filosofar se compreende como exercício de pensar sobre a existência pessoal e coletiva de cada ser humano”, entende-se que para que haja um efetivo ensino-aprendizagem de filosofia necessita-se de qualificação e envolvimento, da vontade do professor de perceber a sua aula como uma oficina de conceitos filosóficos. O mesmo autor ressalta ainda a importância do exercício pedagógico e da autonomia do docente, pois isso reflete o modo pelo qual o trabalho pedagógico

será desenvolvido como estímulo à construção do conhecimento crítico proporcionado pela filosofia.

Diante do exposto, buscamos com o desenvolvimento deste projeto, descobrir qual a identidade da disciplina de filosofia na visão dos alunos da Escola Brunilo Jacó, pensando em dar conta de um aspecto da realidade de ensino de filosofia na escola pública brasileira, do Ceará, considerando ainda nosso contexto de interior economicamente desimportante do estado, bem como discutir a propósito dos problemas enfrentados nesse ensino, no sentido de dar voz à disciplina e, de certo modo, como nos diz Hannah Arendt, citada por PEREIRA, promover “uma análise sobre a prática do ensino de filosofia e sua relação com a criação de conceitos”. Entendemos, sob esse aspecto, que a nossa proposta de pesquisa:

(...) resgata a importância da Filosofia, no mundo dos homens modernos, que se vêm às voltas com inúmeros processos de alienação, principalmente de alienação do próprio mundo. A alienação do mundo, neste contexto, é parte do processo de desconstrução da conversação. Da dissolução do espaço da palavra e até mesmo da ação. Há um processo de mecanização e fabricação que absorve a capacidade de agir e pensar, aprisionando o homem num mundo de meras necessidades (ARENDR, 2011 apud PEREIRA, 2011, p. 60).

Questionando a precedência das *meras necessidades*, o tema trabalhado poderá despertar o interesse dos alunos dessa escola pela discussão e problematização em pesquisas, trabalhos escolares que abordem a leitura e a discussão de temas e textos filosóficos, bem como, e principalmente, o debate de uma formação na educação pública voltada à cidadania e ao combate a todas as formas de desigualdades e injustiças sociais.

2. JUSTIFICATIVA

Após quase 40 anos de sua retirada dos currículos, foi promulgada a Lei nº 11.684¹, de 02 de Junho de 2008 que estabelece a obrigatoriedade do ensino de Filosofia e Sociologia nos currículos do ensino médio das escolas brasileiras, função essa que não desempenhava desde 1961 (Lei nº 4.020/61). Diante deste cenário,

¹ Lei 11.684, de 02 de Junho de 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111684.htm Acesso em: 15/11/2017;

profissionais do ensino bem como professores de filosofia, maiores envolvidos, são chamados a pensar o lugar da filosofia dentro das escolas, para que ensiná-la no ensino médio? Quais conteúdos e metodologias devemos empregar para o alcance dos objetivos da Filosofia? E ao professor cabe o domínio das mudanças, da escolha dos métodos. E o aluno? Como recepcionará essa obrigatoriedade? Todas essas indagações são pertinentes e justificam a execução deste trabalho.

Considerando ainda, que a própria ausência desse ensino pode ter gerado prejuízos para a humanização de nossa sociedade, não querendo dizer que por isso deixamos de pensar, de articular saberes ou de constituir habilidades e competências mais que a prática intelectual fica deficitária, o gosto por perguntar, a construção de conceitos muito próximos de uma perspectiva de permanecer sempre no lugar-comum ou não se arriscar a conhecer outros mundos possíveis.

Buscando um diálogo da Filosofia pensada no Estado do Ceará, encontramos na Secretaria de Educação Básica (SEDUC) em seus Referenciais Curriculares Básicos para o Ensino Médio (RCB), uma orientação através das Diretrizes da Educação Básica de 2006, de implementar a partir de 2006 o ensino de filosofia em pelo menos uma das três séries do ensino médio.

Nessa tentativa de diálogo da disciplina de Filosofia no Estado do Ceará, foi realizada uma pesquisa² pela própria SEDUC em 2003 para “investigar como as escolas cearenses estavam trabalhando a proposta do novo currículo do Ensino Médio,” em relação à disciplina de filosofia e o resultado detectou que a 1º ano do Ensino Médio estava mais suscetível à introdução da filosofia. Logo, evidenciamos que o lugar da Filosofia era de segundo plano, pois mesmo com a orientação da SEDUC o tratamento dado foi diminuto.

Partimos então, para o chão da escola, baseados numa prévia análise, a priori de senso comum, observando que a maioria dos estudantes do ensino médio considera a filosofia uma disciplina difícil, cansativa e pouco relevante para a sua vida estudantil e fora dela. No entanto, é importante analisarmos as razões que nos levam a estudar e tentar perceber esta disciplina, cuja maior finalidade certamente é desenvolver na mente dos jovens um pensamento crítico sobre as suas vidas e a construção de conceitos.

² Pesquisa da SEDUC, p. 54. Disponível em: http://www.seduc.ce.gov.br/images/arquivos/escolaaprendente/livro_escola_aprendente_ciencias_humanas_e_suas_tecnologias.pdf Acesso em: 15/11/2017;

Destacamos uma notícia interessante do site Educação da UOL, veiculada no ano de 2016 com o título: *Professora de filosofia se disfarça de faxineira para dar lição a alunos*³, dando conta de uma docente que se disfarçou de faxineira objetivando pelo menos três premissas: a primeira seria fazer os estudantes olharem a equipe de profissionais da faxina que muitas vezes eram esquecidos, num segundo momento, fazer com que lessem o mundo a sua volta, interrogando-se como queriam ser percebidos, e por último, gerar uma paixão pela disciplina através da prática da filosofia. Além disso, disse algo interessante: “Para mim, todo mundo nasce filósofo”. O bebezinho começa colocando a boca em tudo e depois faz pergunta de tudo. E de repente, a gente para de agir assim. Em sala de aula quero rever isso e fazer com que os alunos voltem a questionar tudo”.

O que parece ter sentido se observarmos os propósitos da filosofia, como sendo o de interrogar a si e ao mundo e por isso é necessário estudos como este, de modo a incentivá-los, demonstrando a importância da filosofia no desenvolvimento do pensamento científico, político, social e existencial.

Diante dessa realidade logo nos vem à mente a seguinte questão. Afinal é possível ensinar a filosofia de forma concreta? Kant afirmava que não se ensinava a filosofia, mas sim a filosofar. Renata Aspís nos diz que “a filosofia é um saber que está sempre incompleto, pois está sempre em movimento, sempre aberto, sempre sendo feito e se revendo e por isso não pode ser capturado e ensinado.” Ratifica o que diz ao citar Kant “(...) nunca se realizou uma obra filosófica que fosse duradoura em todas as suas partes. Por isso não se pode em absoluto aprender filosofia, porque *ela ainda não existe*.” (Kant, 1983, p. 407 apud ASPÍS, 2004)

Percebe-se, contudo, que não há o devido reconhecimento do valor da disciplina de filosofia, diferentemente “do Português, a Matemática ou Biologia que tiveram sua identidade construída ao longo dos anos” (SILVA, 2011). Com este trabalho desejamos, pois, colaborar com a compreensão das perspectivas que os estudantes têm quanto ao conhecimento que esta disciplina pode proporcionar, bem como percebermos se os professores estão trabalhando de forma isolada, fragmentária, sem interação ou troca de experiências com os alunos a respeito do que está sendo ensinado ou sobre as dificuldades na relação pedagógica.

³ Professora de filosofia se disfarça de faxineira para dar lição a alunos. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2016/06/23/professora-de-filosofia-se-veste-como-faxineira-para-dar-licao-a-alunos.htm?cmpid=copiaecola> Acesso em: 17/11/2017.

Acreditamos que, com esse esforço, se contribua ao redimensionamento da concepção dos estudantes quanto à importância da filosofia e para aqueles que já demonstrem certo interesse pela disciplina, fortalece-los e encorajá-los em suas posições.

Então, é papel do professor utilizar possíveis metodologias de maneira que venha a fomentar nos alunos mesmo que moderadamente, o interesse pelo gosto da filosofia. Diante dessas questões, é necessária primeiramente a qualificação de profissionais para exercer a função nessa área, uma vez que colocar apenas um “conhecedor” da filosofia pode causar danos ao ensino, como por exemplo, a sua má orientação pode promover a doutrinação em vez de tornar cidadãos intelectuais e autônomos, por isso à importância do domínio da disciplina por parte de quem irá lecioná-la.

Outro ponto importante é o material disponibilizado pelo governo para a transmissão das aulas, pois segundo a experiência em meu trajeto escolar no período de 2012 a 2014, existe um vasto acervo ofertado no livro didático, porém, o conteúdo é bastante resumido e as indagações presentes muitas vezes pareciam ser impossíveis de responder já que os estudantes, inclusive eu, não compreendiam a temática do assunto, ou não conseguíamos decodificar o que o professor repassava.

Segundo esse contexto, necessariamente o ensino não deveria se conter apenas no livro didático cedido, considerando que a filosofia tem sua história e filósofos clássicos que podem ser trabalhados em sala de aula. Uma estratégia que poderia motivar os alunos a estudar filosofia, seria consultar seus interesses imediatos e conciliar com conteúdos da disciplina, principalmente apresentar obras filosóficas no qual os estudantes nunca tiveram acesso, também como ferramenta para manter a especificidade e essência da filosofia.

Entretanto, sabe-se que a complexidade dos textos filosóficos pode ser também um obstáculo para a compreensão adequada dos alunos, e por isso a importância de um professor habilitado que consiga transformar esses saberes, decifrar e facilitar o alcance do entendimento, levando em consideração a prematuridade desse aluno de Ensino Médio, de modo que esse contato não tenha efeito contrário e cause total apatia pela disciplina.

Diante disso, nos indagamos, é possível formar filósofos no Ensino Médio ou existem pessoas especiais, iluminadas para isso? Segundo René Silveira a filosofia

não é uma ação intelectual apenas de ‘filósofos profissionais e sistemáticos’, ao citar GRAMSCI ratifica “todos os homens são filósofos”. Isso não implica dizer que é uma tarefa simples e fácil, mas que precisamos desmistificar a filosofia e torna-la “espontânea” e “peculiar a todos” (SILVEIRA, 2007 apud GRAMSCI, 1986, p. 11).

Nessa perspectiva, temos percebido que os alunos presentes no Ensino Médio se apropriam da ideia preconceituosa existente de que a filosofia é coisa de profissional que domina a área, e acabam intimidados, assim tratando com desdém a filosofia e comumente considerando a disciplina monótona e desinteressante. Por outro lado, quando surge uma ponta de interesse por parte do educando, eles almejam respostas imediatas para seus questionamentos, o que põe o professor em um verdadeiro desafio, pois são jovens inquietos, impacientes e ansiosos.

Seguindo essa linha de pensamento, o fato de querer buscar respostas já é uma atitude filosófica, fato que deve ser esclarecido já que a filosofia não compete de soluções exatas como as demais ciências, assim nos diz GUIDO citado no documento online, organizado pela Secretaria de Educação do Estado do Ceará na Coleção Escola Aprendiz – Ciências Humanas e suas Tecnologias: “[...] Na filosofia, ao contrário, a finalidade não é – imediatamente – a solução do problema; o que motiva a reflexão filosófica é o conhecimento do problema [...]”. (GUIDO, p. 55, 2000)

Em seu texto Renê Silveira menciona que “considerar que a filosofia é um trabalho intelectual”, é de cunho preconceituoso, fato explicado por GRAMSCI quando diz: “é preciso destruir o preconceito, muito difundido, de que a filosofia seja algo muito difícil pelo fato de ser a atividade intelectual própria de uma determinada categoria de cientistas especializados ou de filósofos profissionais e sistemáticos (...)”.(SILVEIRA, 2007 apud GRAMSCI, 1986, p. 11).

A fala do autor destaca que esse preconceito se dá não pela incapacidade de filosofar, mas por muitos considerarem que esse feito não é para pessoas simples, como estudantes de escolas públicas, criando, portanto, uma imagem elitista de um grupo de iluminados, acabando por gerar um obstáculo que compete à escola juntamente com os professores romper.

Acredita-se em muitos relatos que por a filosofia percorrer séculos desde sua primeira datação, ela é coisa de maluco, que somente pessoas anormais conseguem compreender, não enxergando positivamente o porquê da sua existência, uma vez que por ela não ter praticidade imediata na sociedade não serve

para nada. Percebamos, que ao mesmo tempo em que ela é tratada com desvalorização “por não ter uma funcionalidade” é também colocada num patamar de alta demais para aqueles que precisam trabalhar e não tem tempo pra ficar pensando, filosofando.

Para, além disso, lembremos que o ensino médio é a fase final da Educação Básica, portanto, o encerramento de um ciclo, logo é imprescindível que o aluno tenha sido alicerçado numa formação ética, de desenvolvimento do pensamento crítico em consonância com o conhecimento científico e tecnológico, gerando nele a capacidade de articulação da teoria a prática em seu processo de aprendizagem. Igualmente, é que nessa etapa final ele deve estar preparado para possíveis avaliações como o Exame Nacional de Ensino Médio – ENEM e o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB, entre outros. Logo, tais preocupações acabam recaindo também sobre a apreensão de habilidades a partir das disciplinas.

Porém é primordial considerar o fato de que muitos alunos chegam ao ensino médio e se depararam com a sua primeira experiência com a disciplina de filosofia, ou seja, uma ausência de interação com a filosofia devido a mesma não ser tão incentivada em suas vivências, tanto no ensino, quanto no dia-a-dia, dessa forma devemos nos deter em perceber qual significado/compreensão que os alunos têm diante da disciplina, o que ela pode vir a representar ou o que eles entendem ou já “sabem” sobre a filosofia.

Pensando que esse aluno deverá sair do ensino médio com orientações, habilidades desenvolvidas para torna-lo apto a não somente concluir o ensino médio com sucesso, mas atuar como cidadão na sociedade, articulando conceitos e práticas do cotidiano. Isso, porém, não implica dizer que somente a filosofia é detentora dessa construção no indivíduo, mas que a associação desse conjunto de disciplinas dará ferramentas necessárias para uma ascensão ou pelo menos uma atuação menos dolorosa como ser humano em sociedade.

Além disso, o tema trabalhado poderá despertar o interesse dos alunos dessa escola pela discussão e problematização em novas pesquisas e trabalhos escolares sobre temas relacionados às discussões éticas, estéticas, políticas, epistemológicas e culturais, bem como para o debate em torno de uma formação em educação pública voltada para a cidadania atuante e participativa. E ainda, com esse projeto gerar curiosidade e instigar o aluno a reconhecer a filosofia não somente como

disciplina, mas como o início de uma prática de reflexão sobre a sua vivência no mundo, indo além do senso comum.

Lembramos ainda que a Lei de Diretrizes e Bases – LDB/1996 estabelece para o Ensino Médio, como etapa final da Educação básica, algumas finalidades, dentre elas destacamos, o Art. 35, Inciso III “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”, então é perceptível que a filosofia se enquadra na capacidade de despertar nas pessoas o senso crítico e conseqüentemente a sua independência racional, considerando que quem segue essa postura primeiramente avalia concepções próximas, tomando suas conclusões específicas, para somente assim se tornar um ser autônomo.

No mais, desejamos contribuir com esse trabalho para o entendimento da Filosofia como um ferramental necessário ao diálogo da teoria dada na escola à realidade vivida pelo aluno, de dilemas, decisões, rupturas e continuidades, e isso, acreditamos fazer toda a diferença se adequarmos ao Ensino Médio, ou seja, ao público de adolescentes, pois há uma enorme cobrança sobre eles nesse período da vida, sobre o que vão fazer? Que profissões vão seguir ou se estão aptos ao mercado de trabalho? Muitas vezes sem pensar se ele está preparado principalmente, para antes de enfrentar uma carreira profissional, enfrentar a vida.

No intuito de que o aluno consiga desenvolver a capacidade de formar seu próprio discurso filosófico para poder compreender e interpretar o mundo a sua volta ele precisa de ajuda, no caso a conjuntura entre filosofia e o professor no ensino médio. Desenvolvendo essa habilidade ele conseguirá discernir de forma lúcida e crítica às vivências a sua volta seja no âmbito familiar, escolar ou profissional.

E como vimos à disciplina de Filosofia aponta para possibilidades na construção do ser, antes do saber fazer, e a aula de Filosofia se configura como uma oficina na qual o estudante será incentivado à criatividade, terá acesso a um arsenal de ferramentas que o inclinarão à curiosidade, as dúvidas, desenvolvendo a capacidade de pensar múltiplas alternativas para solução de um problema, o incremento do pensamento crítico, o trabalho em equipe, a disposição de buscar e aceitar críticas, a construção de conceitos despertando esses jovens para a reflexão filosófica.

Pensando nisso, será que o atual modelo de sociedade permite ao jovem desenvolver posicionamentos filosóficos em relação ao mundo em que vive? Ou

ainda, refletir outras possibilidades de mundo? Isso seria o exercício da filosofia, nos indagar sobre aquilo que nos inquieta e nos posicionarmos no sentido de buscar desvelar sobre essas inquietações.

E quanto aos jovens público alvo de nossa pesquisa, de escolas públicas, do Ceará, como estimular estes jovens do Ensino Médio a mergulhar em saberes filosóficos em um contexto social que mais vale atitudes, ideias, e comportamentos fabricados e massificados? Como viram, teremos grandes desafios, o que já nos dispomos enfrentar.

3. OBJETIVOS

3.1 GERAL

Identificar a visão dos estudantes sobre o ensino de Filosofia na Escola EEFM Dr. Bruno Jacó, no município de Redenção-CE e analisar os aspectos didático-pedagógicos e curriculares do ensino/aprendizagem.

3.2 ESPECÍFICOS

- Conhecer através de entrevista semiestruturada, qual a visão dos alunos sobre o que é Filosofia e sua importância no Ensino Médio;
- Verificar através de entrevista semiestruturada com professores, como avaliam o interesse dos alunos pela filosofia;
- Analisar as aulas ministradas, os métodos, os conteúdos associados ao material didático;
- Verificar o conhecimento dos alunos da escola a respeito dos fundamentos e das diretrizes segundo os quais têm sido planejadas e ministradas às aulas de filosofia;
- Avaliar o nível de percepção, de interesse e de envolvimento dos alunos com os conteúdos de filosofia;
- Diagnosticar as principais dificuldades encontradas pelos alunos diante da disciplina de Filosofia;
- Estimular e incentivar o ensino/aprendizado de Filosofia no Ensino Médio.

4. METODOLOGIA DA PESQUISA

O trabalho será realizado em uma escola de ensino fundamental e médio localizado no município de Redenção-CE. Para execução da pesquisa, realizaremos um levantamento bibliográfico do lugar da filosofia na educação pública brasileira, com foco no ensino médio, além de visitas à escola, bem como acompanhamento de aulas presenciais de filosofia, para avaliar a participação, o comportamento e a interação entre professores e alunos. Também faremos uma pesquisa em forma de questões semiestruturadas e de perguntas, com respostas abertas, para alunos e professores, voltados à investigação do tema trabalhado.

Também intencionamos trabalhar com a coleta de dados por observação e através de algumas entrevistas focalizadas, que segundo LAKATOS (2003) exigem “(...) um roteiro de tópicos relativos ao problema que se vai estudar e o entrevistador tem liberdade de fazer as perguntas que quiser: sonda razões e motivos, dá esclarecimentos, não obedecendo, a rigor, a uma estrutura formal.”

Utilizaremos entrevistas por amostragem, a serem definidas no decorrer da pesquisa por compreendermos que tal método exige uma relação de confiança com o entrevistado e permite uma maior flexibilidade por parte do entrevistador que pode reformular as perguntas quando do não entendimento, garantindo que seja compreendido. (LAKATOS, 2003)

Para isso, adotaremos inicialmente a pesquisa documental, que, segundo Lakatos (1992), “pode ser considerada também como o primeiro passo de toda pesquisa científica”. Além desse levantamento teórico e documental, nos apoiaremos na pesquisa de campo, que, conforme Martins et al. (2015), consiste em trabalhos de pesquisa cujas atividades são realizadas *in loco*, de modo a favorecer a coleta de dados necessários à compreensão de uma determinada realidade.

4.1 Sujeitos

Serão analisados alunos na faixa etária de 15 a 17 anos do 1º ao 3º ano da Escola de Ensino Médio e Fundamental Dr. Brunilo Jacó.

4.2 Procedimentos para coleta e análise de dados

A análise dos dados se dará através de acompanhamento em sala de aula, sob observação das aulas, averiguando as metodologias para uma melhor percepção do aluno, como também o modelo de avaliação. O engajamento de aluno-professor, como o aluno se comporta e manifesta em relação as aulas.

4.2.1 Coleta de dados e materiais

A coleta de dados se desdobrará com aplicação de entrevistas e formulários mediante a área de conhecimento no qual aborda o tema, com o intuito de recolher e examinar as diferentes informações, conseqüentemente com a obtenção das respostas de alunos e professores se chegar ao ponto chave do projeto.

4.3 Análise de Dados

Através do método de estatística descritiva será possível avaliar os resultados obtidos, podendo de início se dar o entendimento desse projeto. Os formulários e entrevistas serão realizados com base na pesquisa bibliográfica como também a partir da análise do material utilizados por alunos e professores. E assim se saber qual a influência pode ter sob os indivíduos, como o ensino é ofertado na escola, juntamente com o professor e o conhecimento presente na escola.

5. CRONOGRAMA

PLANO DE ATIVIDADES	AGO	SET	NOV	DEZ	FEV	MAR	BRIL	MAI	JUN	JUL
Levantamento Bibliográfico										
Levantamento de autores que trabalham com o tema										
Apresentação dados iniciais ao orientador										
Apresentação do Projeto a Banca										
Pesquisa de campo (entrevistas, questionário)										
Transcrição das entrevistas										
Apresentação dados campo										
Diálogo entre os textos e contextos										
Entrega inicial do trabalho										
Revisão do trabalho										
Apresentação da Monografia completa										

6. REFERÊNCIAS

ASPIS, Renata Pereira Lima. **O Professor De Filosofia: O Ensino De Filosofia No Ensino Médio Como Experiência Filosófica**. Dissertação. 2004. (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Campinas.

BRASIL. **Ciências humanas e suas tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. (Orientações curriculares para o ensino médio; volume 3). Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_03_internet.pdf Acesso em 18/11/2017.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Disponível em <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf> Acesso em: 01/12/2017.

CARMINATI, C.J. Presença/ausência da filosofia em escolas brasileiras de ensino médio. **Revista de Hispanismo Filosófico**, n.º 15: 63-76, 2010.

DOIMO, D. A. O Ensino da Filosofia no Ensino Médio: Desenvolvendo competências e habilidades no currículo e na avaliação. In: IV Congresso Ibero-Americano de Política e Administração da Educação / VII Congresso Luso Brasileiro de Política e Administração da Educação, 4., 2013, Porto, **Anais...** Disponível em: http://www.anpae.org.br/IBERO_AMERICANO_IV/GT4/GT4_Comunicacao/DiegoAugustoDoimo_GT4_integral.pdf. Acesso em: 15/11/2017.

GALLO, Silvio. A filosofia e seu ensino: conceito e transversalidade. In: SILVEIRA, Renê J.T; GOTO, Roberto (org). **Filosofia no ensino médio: Temas, problemas e propostas**. São Paulo: Loyola, 2007.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica** / Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. - 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003;

MARTINS, M.; JUSTI, R.; MENDONÇA, P.C.C. Papel da argumentação na mudança conceitual e suas relações com a epistemologia de Lakatos. **Educación Química**, 27, 3-14, 2016.

PEREIRA, G. A. E. O lugar lacunar da Filosofia no ensino médio. **Educação em Revista**. Marília, v. 12, n.1, p. 51-64, 2011.

PIMENTEL, A. M. da S.; MONTEIRO, D. de B. O professor de filosofia: limites e possibilidades – dinâmica e problematização do ensino-aprendizagem. **Educ. Pesqui.** vol.36 no.1 São Paulo Apr. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022010000100009 Acesso em: 04/12/2017.

PIMENTEL, A.M.S.; MONTEIRO, D.B. O professor de filosofia: limites e possibilidades – dinâmica e problematização do ensino-aprendizagem. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n.1, p. 325-338, 2010.

RODRIGUES, Z.A.L. O ensino da Filosofia no Brasil no contexto das políticas educacionais contemporâneas em suas determinações legais e paradigmáticas. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, Editora UFPR, n. 46, p. 69-82, 2012.

VANIN, A. P; SANTOS, H. L. Uma análise sobre a prática do ensino de filosofia e sua relação com a criação de conceitos. In: I Seminário Regional de Educação do Campo. 1., 2013, Santa Maria – RS, **Anais...** Disponível em: [http://coral.ufsm.br/sifedocregional/images/Apresenta%C3%A7%C3%A3o%20e%20Grupos%20de%20Trabalho%20\(GTs\)/Regional%20Erechim/GT%203/Regional_Erechim_2013%20\(2\).pdf](http://coral.ufsm.br/sifedocregional/images/Apresenta%C3%A7%C3%A3o%20e%20Grupos%20de%20Trabalho%20(GTs)/Regional%20Erechim/GT%203/Regional_Erechim_2013%20(2).pdf) Acesso em: 12/12/2017.

ZITA, A. L. R. O ensino da Filosofia no Brasil no contexto das políticas educacionais contemporâneas em suas determinações legais e paradigmáticas. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 46, p. 69-82, out./dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n46/n46a06.pdf>.